

IMPORTANTE

CONTINENTE INSTITUCIONAL O Centro de Estudos Afro-Asiáticos

O Centro de Estudos Afro-Asiáticos (CEAA), criado em 1973, é consequência da incorporação do antigo Instituto Brasileiro de Estudos Afro-Asiáticos (IBEAA), ao Conjunto Universitário Candido Mendes. O IBEAA era um órgão ligado a presidência da República, no âmbito do Mito Quadros, que tinha como função colaborar com o Itamaraty na elaboração de planos para as relações culturais entre Brasil e os países da África e da Ásia. Na Assessoria Especial do IBEAA, estava o Profº Candido Mendes, enviado especial do presidente Jânio Quadros à África, no início da década de 60, iniciando a nova visão da política externa brasileira. Foram feitos contatos com presidentes como: Kwame N'krumah (Ghana), Leopold Senghor (Senegal) e Julius Nyerere (Tanzânia). A relação Brasil - África foi tomando dimensão, resultando em outras visitas do Profº Candido Mendes aos países africanos, onde manteve vários contatos com líderes políticos locais. O Profº Candido Mendes foi o segundo diretor do Instituto que foi substituído pouco depois da implantação do regime militar no país. A experiência adquirida por ele durante sua transferência para o CEAA onde dará continuidade no projeto que começou no governo federal e ganha caráter privado. (Pereira, 1991).

A presença do Centro de Estudos Afro-Asiáticos no continente africano reflete o grau de relacionamento entre Brasil e os países africanos, tanto é que vários africanos que vieram para estudar no Brasil, depois de formados, retornaram a seus países e se tornaram líderes políticos. As experiências de estudos adquiridas no Rio de Janeiro foram de muita importância como relacionamento com os governantes emergentes da África, fortalecendo cada vez mais as relações do Brasil com os países que conquistavam sua independência.

Agradecimentos

⊙ Agradeço a Deus, ser Superior, por me conduzir nesta direção profissional,

Deus, esse querido recebi apoio e incentivo em vários

sentidos, no plano espiritual e no plano material, sendo assim.

⊙ - Agradeço a toda minha família, pela compreensão

que tiveram nos momentos em que fiquei ausente para poder me dedicar aos estudos das disciplinas que exigiam maior concentração e dedicação.

- Aos amigos pelo afastamento necessário causado pelo estudo

- Aos amigos e colegas de classe, pela convivência durante esses anos de curso.

- As amigas SONIA PAES e Michele Listo, pela ajuda fundamental que deram quando me conduziam de carona em seus veículos, meu reconhecimento por esse gesto de carinho e amizade sincera, e essas atitudes somavam muito como incentivo que permitiram que eu concluísse o curso.

- As bibliotecárias Ana Senna e Célia Maria Escobar, e as pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para o meu crescimento, apoiaram e incentivaram o meu processo de formação profissional.

- A prof^a Leila B. Ribeiro, pela dedicação, amizade, capacidade, profissionalismo, e demonstração de amor pelo o que faz.

ocorreu o professor José Maria Nunes Pereira, na criação do Centro de Estudos Africanos (CEAA) em 1969, e mais tarde, a retomada pelo Prof. Cândido Mendes de sua proposta programática em 1974. (PEREIRA, 1991, p. 100). (PEREIRA, 1991, p. 100). (PEREIRA, 1991, p. 100).

CEAA A espelha em sua história, desde o início das suas atividades, a colaboração do professor José Maria Nunes Pereira, grande conhecedor do continente africano, que trouxe ideias e experiências adquiridas no tempo em que foi "dirigente da Associação de Estudantes Africanos (Casa dos Estudantes do Império, no Porto)" (UNIVERSIDADE CÂNDIDO MENDES, 1998, p. 100). O CEAA manteve muitos contatos com líderes do MPLA (Movimento pela Libertação de Angola), e com líderes da Frelimo (Frente de Libertação de Moçambique), partidos políticos de Angola e Moçambique. Também possuía uma biblioteca composta por livros, periódicos e documentos sobre a África no geral, à qual incorporou ao acervo do CEAA.

Como uma importante instituição preocupada com as questões raciais dentro e fora do Brasil, o CEAA surge no cenário político brasileiro com grande importância nos anos 70. Neste momento, com o Movimento Negro no Rio de Janeiro preocupado em redefinir o espaço ocupado pelo negro na sociedade e em promover discussões acerca da auto-estima dessa minoria, como um dos espaços usados para local de discussão da questão racial, temos a antiga sede do CEAA localizada na Zona Sul do Rio de Janeiro. Este era visto como local ideal, pois, ficava no coração da instituição acadêmica onde a comunidade negra contava com o apoio de alguns intelectuais que se dedicavam com a problemática do negro. Um dos resultados decorrentes das diversas reuniões do Movimento Negro no CEAA foi a criação da Sociedade de Intercâmbio Cultural (SOCIAC) e do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN), além de diversos outros projetos realizados com o apoio do CEAA a partir de 1974. (PEREIRA, 1991).

JOSE ANTONIO DA CUNHA LIMA

+ ≡

DA DOCUMENTAÇÃO AO ACESSO À INFORMAÇÃO SOBRE O RACISMO, ...

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
APRESENTADO À ESCOLA DE BIBLIOTECONOMIA

APROVADO EM _____ de 2002.

BANCA EXAMINADORA

PROF^ª ESP. IRIS ABDALLAH CERQUEIRA
UNIV. DO RIO DE JANEIRO

PROF^ª MARIA TEREZA REIS MENDES
UNIV. DO RIO DE JANEIRO

PROF^ª LEILA BEATRIZ RIBEIRO
UNIV. DO RIO DE JANEIRO

O Centro de Estudos Afro-Asiáticos vê a força de sua implantação germinada nos ramos de atuação da literatura brasileira, bem como dos bolsões asiático-portugueses, de pai com toda a certeza, de mãe negra. O Rio de Janeiro. A dinâmica desenvolvida por Carlos Hasenbalg que se tornou conhecida em 1993, mostrou que o Rio de Janeiro estava na linha de ponta das pesquisas que sobre a interseção racial: as dinâmicas da aculturação negra no país; e toda a movimentação de suas formações no quadro das megalópoles brasileiras. [UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, 2002]

Carlos Hasenbalg trouxe ainda um novo ânimo para o CEA, através da reorientação do eixo de pesquisa e criação da instituição. Nesse sentido, a participação da comunidade negra brasileira, especialmente nos estados afro-brasileiros e as desigualdades raciais tornaram-se o grande eixo central da atividade acadêmica da instituição. Para ampliar essa nova dinâmica foram instituídos um Concurso de Monografias, em nível nacional, para estudantes de graduação e o Concurso de Dotações para Pesquisa sobre o Negro no Brasil, com recursos da Fundação Ford, que a partir de 1980 começou a apoiar alguns projetos do CEA. O seu eixo viraram mais dois importantes projetos: o desenvolvimento da catalogação da produção acadêmica sobre escravidão e relações raciais de 1970 a 1990 (parte de um projeto maior, coordenado pelo Arquivo Nacional), que teve como resultado a publicação do Cadastro de Relações Raciais no Brasil - Cadastro da Produção Intelectual (1970 - 1990). O projeto, coordenado pelo CEA, foi um catálogo sobre a Imprensa Negra, convertida em fichas e também em películas de microfiche, resguarda valiosas informações de jornais e periódicos por afro-brasileiros desde 1915. [idem]

O ingresso de Venceslau Bellucci, que assumiu este cargo em 1996, traz a marca de outra existência acadêmica, que teve nessa trajetória de vida profissional, uma atuação marcante no âmbito da documentação. Em 1993 como Coordenador dos Programas de Arquivo

À JULIA ERNESTINA "IN MEMORIA", • ANA KAREN E INDAIÁ

Beluce Bellucci cria o Programa de Administração de Bolsistas (PAB), comprovando o caráter da instituição em diversas etapas por que passou esta instituição. O PAB permitiu ao CEAA aumentar o caráter acadêmico e intercâmbio educacional com alguns países do Continente Africano, tendo sempre acompanhado com bastante regularidade os estudantes africanos aqui no Brasil, matriculados em cursos de graduação e pós-graduação. Beluce Bellucci empreendedor por natureza tem como meta: primeiro consolidar o curso de pós-graduação em História da África e o Programa de Administração de Bolsistas (PAB), fortalecendo os laços com os estudantes africanos no Brasil; segundo, ampliar as pesquisas sobre África Austral e os Países de Língua Oficial Portuguesa; terceiro nesta etapa do CEAA, socializar junto ao povo brasileiro o conhecimento acumulado, produzindo e editando os textos sobre África. [(UNIVERSIDADE CATÓLICA DE BRASÍLIA, 1996)] ?

O Centro também conta com a contribuição antropológica do Vice-diretor Técnico-Científico, Lívio Sansone, que além de acompanhar a tradição de Carlos Hasenbalg é responsável pelos estudos afro-brasileiros, e vem impulsionando as pesquisas sobre a população negra do Brasil, as publicações e os cursos desta área. Lívio Sansone destaca a importância da modernização da biblioteca, entende que a mesma por possuir um rico acervo sobre negros, contribui para reforçar o desenvolvimento das pesquisas: "Estantes empenhados em conseguir livros não são só para pesquisas, mas também para a promoção de cursos e modernização de nossa instituição, por ter a maior concentração de teses de doutorados, livros e documentos sobre o assunto Brasil". [(Ibidem, p. 183)] ?

O CEAA preserva em sua biblioteca, uma rica e cobiçada documentação, acumulada ao longo de vários anos, formando um acervo com características diferenciadas. Tais características, fazem desta uma biblioteca de referência em questões raciais. Para melhor entendermos a importância de seu acervo, noticiemos um item onde faremos um breve histórico da biblioteca.

Banco de Memória: lugar onde se reune organizado
documentos ^{em qualquer suporte físico e digital} e deles
possamos extrair informações que nos remetam aos fatos
ocorridos em uma dada época, como condições para recordar a memória coletiva
e transgeracional das sociedades que os produziram, identificando vestígios de
seus costumes ou mobilizações sociais.

OK

Banco de Memória → lugar onde se reune organizado
documentos em qualquer suporte físico e que deles possamos recuperar
informações que nos remetam aos fatos ocorridos em uma dada época,
como condições para recordar a memória coletiva e transgeracional das
sociedades que os produziram, identificando vestígios de seus costumes,
sua manifestação cultural ou mobilizações sociais.

OK

2.1.2.1.2. MEMÓRIA

2.1.2.1.2.1. MEMÓRIA (EM SUA VISÃO TRÁDICA)

O trabalho desenvolvido aqui a respeito do trabalho será apoiado na literatura especializada que infere o conceito de memória e desenvolvimento de centros de documentação e bibliografia que versa sobre a interação a memória e o documento, temáticas que em seu conjunto apoiarão a concepção de um banco de memória.

A documentação neste contexto trata o conceito bem abrangente, pois, baseia-se nos diversos suportes utilizados para armazenar as informações, uma vez que temos coletado para organização livros, artigos de periódicos, fitas cassete, fitas de vídeo, cds, etc. Sendo assim, a função é essencialmente para organização do acervo. Ressalvando que "a palavra 'documento' tem um significado muito amplo – documento escrito, ilustrado, transcrito pela som, etc. – e designa em qualquer outra modo" (SAMARAN, apud LE GOFF, 2000, p. 108), esta mesma ideia de conceito nos dará condições entender a formação do acervo do Banco de Memória do UFRAC, bem estruturado de forma que facilite a recuperação da informação. Por exemplo, um semanário produzirá uma documentação diversificada (folder, cartaz, artigos, vídeo, etc.) portanto devemos saber tratá-la corretamente, de acordo com a especificidade de cada uma das partes, desde as intermediações necessárias para seu armazenamento. É garantida através da utilização de técnicas de Biblioteconomia, aliadas a informática, que posteriormente, seja feita a organização e a classificação para a documentação. Tentando atingir assim, o objetivo. Em outras palavras, "a memória" refere-se para associar a memória social de uma coletividade; que através contínuo lutando para ver chegar ao fim as desigualdades raciais e sociais existente no Brasil e no mundo.

EPIGNASE

UMA CITAÇÃO DE PIERRE MORA, PAG. 16 DO TEXTO
DO VÍLIAMO T. BODERRA DE MEMÓRIAS

[...] documento é uma representação, um signo, isto é, uma abstração temporária e circunstancial do objeto natural ou acidental, construído de essência (forma ou tema) conteúdo intelectual), selecionado do universo social para testemunhar uma ação cultural [...] são constructos que se revelam a partir de escolhas circunstanciais da sociedade que cria objetos. (DODEBEY, 2000, p. 60).

nascendo-se neste argumento, compreende-se que o documento em sua essência, nasce de um contexto social e serve para identificar um fato ocorrido no passado. Sendo assim, sons, textos, imagens (fixa ou em movimento) entre outras, são maneiras de representação do documento em um banco de memória. Portanto, podemos perceber na preocupação de coletar, controlar, organizar, tratar, divulgar e disponibilizar os documentos reunidos em seu acervo, pelo o Banco de Memória do CEAB, espera dar uma contribuição à sociedade, cuidando da preservação da memória coletiva, que poderá servir de testemunho histórico para justificar uma ação social.¹

Neste sentido o Banco de Memória do CEAB, como “espaço de representação da memória” (ibidem, p.60), visa cumprir esse objetivo, pois, acompanha a dinâmica das transformações sociais, sobretudo, as atribuídas, por exemplo, as atividades dos movimentos sociais, engajadas nas lutas para erradicar as desigualdades dentro e fora do país. Ainda segundo a autora “a representação das ações sociais já significa, de certo modo, o primeiro estágio do processo relativo para a formação das memórias e, sob certas condições, essas memórias emergenciais podem se transformar em documento social” (loc. cit.). O caráter dinâmico que é inerente aos “espaços de representação de memória” é consequência da reunião em seu interior de registros que foram produzidos com a intenção de identificar sinais do passado, construindo um elo entre o então e o hoje, tomando-se uma cadeia, um ciclo de documentos que serão reunidos, possibilitando a produção e disseminação de novos textos, à medida que eles forem

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo ^{principal} dar visibilidade à documentação produzida por agentes sociais mobilizados no combate às diversas formas de racismo e desigualdade, possibilitando a

O objetivo principal

O trabalho objetiva dar visibilidade à documentação produzida por agentes sociais voltados ao combate engajados no combate ao racismo e às diversas formas de desigualdades, permitindo a análise da participação brasileira na conferência de Durban, em 2001, organizada pela ONU, como instrumento de mobilização no combate ao racismo. A documentação ~~de~~ será preservada e disponibilizada no acervo ^{de ± 6 centos de milhares de documentos} que está sendo formado com a concepção do Banco de Memória do CEAB.

O conteúdo institucional mostra, através de um breve histórico, que ~~que~~ ~~se~~ ~~realizamos~~, ~~interessa~~ que o CEAB, expandiu-se, diversificando seus cursos e no bojo sua biblioteca ampliou-se ~~no~~ sentido físico de espaço ~~em~~ ~~abrangendo~~ ~~as~~ ~~novas~~ ~~áreas~~ ~~de~~ ~~trabalho~~ ~~mas~~ ~~ainda~~ que abrange seus vários cursos que oferece. Mas, continua ~~em~~ ~~unidade~~ ~~no~~ ~~que~~ ~~de~~ ~~respeito~~ ~~ao~~ ~~A~~ investindo na medida do possível no acervo voltado para as relações étnicas no Brasil, acumulando documentos importantes sobre temas africanos.

→ CONTINUA →

serviço relevante para o banco de memória, que resultará em um novo registro de informação potencial armazenada no acervo documental. (DOEBEY, 2000).

Em todos eles atuam com a finalidade de ampliar o alcance de seus serviços aos demais segmentos sociais, procurando atingir aqueles que se configuram como usuários potencialmente interessados em fazer uso das informações disponíveis. Assim, desenvolvem-se em atividades de extensão universitárias, buscando atingir não apenas novos pesquisadores, mas sobretudo unir-se a outras instituições cuja tarefa básica seja a de preservar o patrimônio documental do país. Engajam-se, dessa maneira, nos esforços gerais de preservação do patrimônio histórico nacional e dos bens culturais (CAMARGO, 1999, p. 50).

Para Souza (1998), que usa o termo “documentação” com base nos escritos de: Ollat e Collombas (1992) e de Smit (1986), manifestando o seguinte argumento.

O termo documentação surgiu com a evolução do conhecimento técnico-científico, havendo a necessidade de centralizar todas as publicações impressas, tornando-as mais dinâmicas e com maior facilidade de acesso. Anteriormente a documentação ficava restrita a arquivos estáticos, com pouca visibilidade para a procura. Com o passar do tempo, com o aumento do número de pesquisas e com a multiplicação cada vez maior de informação, a documentação foi tendo seu reconhecimento, tornando os usuários mais satisfeitos: dando melhor suporte, melhorando as tomadas de decisão e o planejamento da pesquisa para os usuários. (SOUZA, 1998, p. 42-43).

Como justificativa para tentar se posicionar, neste universo de documentos acerca de documentos que melhor expliquem e orientam a organização dos materiais coletados e reunidos em um arquivo (para registrar os fatos ocorridos no passado), é pertinente transcrever que

Constitui um documento toda fonte de informação de que o espírito do historiador sabe extrair alguma coisa para o conhecimento do passado humano, considerado sob o ângulo da questão que lhe foi proposta. É perfeitamente aberto que é impossível dizer onde começa e termina o documento; pouco a pouco, a noção se alarga e acaba por abranger textos, monumentos, observações de todo gênero. Mas, prossegue o autor, resistimos à ideia, não admitida do paradoxo: qualquer coisa pode tornar-se um documento para qualquer questão... Isto é verdadeiro, desde que se insista no conceito: documental. (MÁKROU, 1978, apud DOEBEY, 2000, p. 61, grifo do autor).

O objeto de estudo do trabalho é a concepção e implantação de um Banco de Memória, para isso, pesquisou-se uma bibliografia que fizesse menção a este termo ou outro similar. ~~Os termos mais em~~

Então os termos mais encontrados destaque para "centro de documentação" e "Lugares de Memória". O primeiro tendo características de instituições privadas, com acervo formado por documentos ^{serviços e produtos voltados ao público interno} ~~de arquivos~~ ^{os periódicos voltados para uso dos usuários} ~~valorizando-se o periódico por trazer informações renovadas.~~ O segundo é por sinal o ~~mais~~ ^{mais} usado pelas autoras

mas da a ideia de ~~instituição~~ que trata-se de instituição pública, inclusive nasce-se para exemplificar: Arquivos, museus, bibliotecas. A conclusão que ~~se~~ ^{podemos} fazer, baseada nessa exposição é que as instituições privadas valorizam as informações concisas, sempre atualizadas, já as públicas se volta para os fatos históricos através da preservação da documentação ^{segue a memória} que agregam informações de épocas passadas.

Nessa análise conceitual nos levou a perceber a ausência da denominação "Banco de Memória", para o qual, fizemos o curso de um conceito, visando cobrir esta lacuna na bibliografia levantada a nível nacional.

É importante afirmar que ~~esse~~ Banco de Memória do CCAB, preservará de maneira profissional valorizando toda documentação constante que formará o seu acervo. Entendendo ser ^{relevante} ~~importante~~ para os ativistas sociais e aqueles que pesquisam a evolução das relações étnicas no Brasil, a questão do acesso às informações de ^{suas} ~~grande~~ natureza. A informação tem poder e informação diversificada gera conhecimento, possibilitando o indivíduo agregar valor às suas experiências de vida. Facilitando a relação ^{intercultural} ~~interétnica~~ ^{intercultural} (entre grupos) e ~~interétnica~~ ^{inter-social} ~~inter-social~~ ^{inter-social} nas diversas etnias existentes no Brasil.

No início do século XX, alguns cientistas, insatisfeitos com o caos documental criaram uma nova disciplina: a documentação, uma nova profissão: a de documentalista e, em consequência surgiram os centros de documentação, com o objetivo de tratar da informação especializada. Produzida sob outra forma documental que não o livro, objetivo este negligenciado pelos bibliotecários. A preocupação desses especialistas era apresentar serviços mais dinâmicos, ampliar o conceito de documento, abarcando, além do livro, periódicos, microfiches e materiais especiais, e principalmente, aprofundar a análise do assunto.

Algum tempo depois o termo documentação, devido a ambigüidade, foi substituído pelo termo informação, e a nova profissão ganhou outros rótulos: ciência da informação/cientista da informação/centros de informação. (CETS BRUNO, 1978, Apud SOUZA, 1998, p. 46).

A abrangência dos conceitos de documento (apresentados acima), nos encaminha para uma outra questão, que diz respeito à formação do acervo. Um banco de memória vai conter materiais que possibilitará encontrar vestígios da ação do homem no passado. De alguma maneira o homem registrou sua existência no decorrer da história, seja através de fotografias, vídeo, áudios, estórias, etc. Os acervos documentais podem permitir que se estude essas ocorrências, para tanto, na constituição desses acervos, deve-se ter o cuidado para que o mesmo, permita posteriormente a recuperação do conhecimento, que estarão armazenados em diversos suportes físicos.

Acresce de formação de acervo de documentos, Camargo (1999, p.55), enfocou em seu trabalho, dentre outras coisas, sobre a importância dos mesmos, para organização do conhecimento e recuperação da informação.

Quando se levanta, hoje a questão da importância de se discutir as linhas de acervo que devem ser definidas pelos centros de memória e documentação, é porque se trata de questão estratégica, fundamental, já que assim se organiza o conhecimento. O conhecimento é especializado, as pessoas acessam as informações dessa maneira. Por isso, esses centros só realizam sua função essencial se estiverem em sintonia com o modo como o conhecimento esta sendo construído hoje.

[...] a própria sociedade contemporânea exigiu o surgimento desses centros, que se aproveitavam de informações já produzidas sobre conjuntos bibliográficos, periódicos etc., para dar um apoio informacional ao pesquisador [...].

[...] analisando as colocações de Camargo, ocorreu uma questão já perceptível no levantamento bibliográfico: é que sobre o “banco de memória”, nas literaturas levantadas os autores não usam esse termo, encontrando várias denominações, dentre elas: “centros de documentação”; “centro de memória”; “centro de informação”; “centro referencial”; “lugares de memória”, e outras. Seria “banco de memória”, um termo anônimo dos demais termos? Um “banco de memória” teria condições de atuar como um “centro de documentação”? Não conseguiria responder essas questões, pois, o banco de memória e que se encontra está em processo de concepção e desenvolvimento.]

Silva (1999), demonstrara, pode-se dizer que, uma distinção entre “Centro de Documentação” e “arquivo”, baseada na formação do acervo, de cada um desses lugares de preservação de memória, pode ser feita:

[...] o próprio conceito de Centro de Documentação carrega controvérsias marcando, na atualidade, uma nítida tensão entre as concepções de documento no âmbito da História e da Arquivística. Essa diferença parece anunciar-se já no campo da organização desses lugares de Memórias. Os Centros de Documentação são qualificados em oposição aos Arquivos, como estruturas que se organizam a partir da idéia de coleção, dada “sua natureza de agrupamento a priori, subjetiva e artificial”. No outro pólo estariam os Arquivos, que apareceriam como conjuntos (contrapondo-se a idéias de coleção) estruturados de documentos portadores de informações (tal qual as bibliotecas e centros de documentação), tendo como especialidade “sua origem jurídica, seu caráter seriado, sua unicidade e sua objetividade”. Uma outra diferenciação seria o caráter institucional dos Arquivos em contraposição aos Centros que seriam funcionais. (SILVA, 1999, p.89).

Continuemos a abordagem sobre os centros de documentação, sobretudo no que se refere à organização do acervo para recuperação das informações. Ressaltando que, a questão da tecnologia não pode ser esquecida, pois, para a documentação funcionar como local que vai possibilitar distribuir os dados e facilitar o acesso às informações contidas nos documentos, é importante o uso de vocabulários que possam garantir uma melhor recuperação do conteúdo textual dos documentos” (JACQUEBEL, 2000).

Para não se perder nessa confusão lingüística, a documentação não teve outra solução a não ser dar a volta por cima e criar seus próprios instrumentos lingüísticos (as linguagens documentárias), ao invés de permanecer refém das decisões com vocabulários flutuantes. Tendo por objetivo a operacionalidade, ela simplesmente se viu obrigada a decidir por certas definições, em detrimento de outras.

No ponto de vista prático, a linguagem documentária nada mais é do que um instrumento para poder decidir, entre todos os termos possíveis, o termo a ser utilizado na análise de um documento, e, portanto, o termo a ser igualmente empregado na fase da pesquisa. (SMIT, 1986, p. 48-49).

A documentação criou mecanismos que controla e organiza os termos a serem utilizados em seu sistema de recuperação de informação. Um deles é o uso de remissivas, ou seja, ao invés de usar vários termos para procurar um determinado assunto, estabelece-se que para tal conceito, só um ser usado: termos específicos, capazes de permitir a recuperação dessa informação. Toda vez que aparecer conceitos que não leve a mesma idéia, os descritores deverão ser os mesmos.

Há linguagens documentárias multilingües que traduzem termos normalizados de uma língua para outra. O intuito, sempre, é de "normalização" ou "controle" do vocabulário, as linguagens documentárias constituindo instrumentos que permitem evitar, um pouco, o caos lingüístico. O que não se pode, no entanto, é perder de vista esta função utilitária: se uma linguagem documentária prefere "automóveis" a "carros", tal fato não significa nada além disto: ela prefere e recomenda que se use o título automóveis para fins de pesquisa bibliográfica (ibidem, p. 50).

Se proceder a seleção entre o uso de um termo em detrimento a outro, estaremos influenciando, no resultado da recuperação da informação, pois, nesse processo de escolha, cada profissional vai indexar de acordo com seu conhecimento potencial acerca do assunto que esteja tratando no momento, com isso, o que pode ser relevante para um, pode não ser para outro, a abrangência vai depender da tabua informacional que cada pessoa constrói no seu ciclo de vida.

Quando se tem acesso a vários historiadores intervêm no processo de difusão da história e a escolha que se escolhe entre esse ou aquele documento, da mesma forma que o historiador, ao escolher um documento, também vão influenciar na difusão dos documentos e a escolha que se escolhe de qualidade ou ^{de} alguma época.

A intervenção do historiador que escolhe o documento, extraindo-o do conjunto dos dados da vida, preferindo-o a outros, atribuindo-lhe um valor de relevância que, pelo menos em parte, depende da própria posição na sociedade de sua época e da sua organização mental, insere-se numa situação social que é diferente da que a sua intervenção. O documento não é inocente. Não é um objeto, é resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história na época, da sociedade que o produziu, mas também das épocas seguintes durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais também foi manipulado, também pela história. O documento é uma coisa que não quer nada e o historiador (para evocar a etimologia) que tem direito por em primeiro lugar analisados desmistificando o seu conteúdo. O documento é um monumento. É o resultado do esforço realizado pelas sociedades históricas para deixar ao futuro - voluntária ou involuntariamente - determinada imagem de si próprias. No limite não existe um documento verdadeiro. Toda documento é mentira. Cabe ao historiador não passar por ingenuo, não é preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos históricos.

Para remontar a história, necessariamente devemos nos remeter aos fatos que nos possibilitam essa constituição. Para isso, voltaremos aos registros que nos permitiram fazer essa composição do passado. Um desses registros pode nos dizer que é a pesquisa através dos registros deixado pelo homem, registros necessários, pois, a memória do homem não consegue guardar tudo aquilo que ele vive ou observa. O homem precisa comprová-la de alguma forma à sua existência, mas pode confiar só na memória cerebral componente do sistema nervoso. Continuamos vestígios de sua existência através das marcas, escritos, imagens, relíquias e outros meios de representação da memória.

SINE

No raciocínio de Pomian (2000), pode-se compreender que são necessários os registros para que se identifique os fatos históricos, através dos manuscritos, desenhos, fotografias, esculturas, gravuras, são representações da memória que permitiram os estudos de determinada época. Para ele "toda a memória é em primeiro lugar uma faculdade de conservar os vestígios do que pertence já em si a uma época passada". O autor argumenta ainda que:

[...] Estes vestígios, porém, embora resistentes, esbatem-se. Por isso se inventaram vários sistemas para conservar as recordações o mais longamente possível, de modo a poder transmiti-las aos outros, garantindo-lhes assim uma duração perene. Na prática, esta arte da memória é uma arte da linguagem: ensina a conservar as narrativas e permite, pois, a um indivíduo tornar-se o depositário das recordações daqueles a quem nunca conheceu porque morreram muito antes do seu nascimento, e por sua vez transmitir estas recordações aos seus descendentes. [...] A memória colectiva e transgeracional começa a assumir as características particulares com o aparecimento da 'colecção': conjunto de objectos naturais ou artificiais afastados dos circuitos de utilização, colocados sob uma protecção especial e exportos. A partir desse momento, a memória colectiva começa a adquirir apoios diferentes dos cerebros dos indivíduos. É também necessário que as colecções se insiram não apenas nas relações entre o aqui e o além mas ainda nas que unem os mortos aos vivos, o passado ao presente. (POMIAN, 2000, p. 507, 509).

A possibilidade de reconstrução da memória, através dos vários sistemas usados para sua preservação, pode-se dizer por fim ao feno meno natural que é o esquecimento, consequência da passagem do tempo. Assim foram criados lugares adequados para concentrar documentos que possibilitam identificar a "memória colectiva e transgeracional" de uma época. Conforme manifestou Gondar (2000), sobre memória como herança social, capaz de identificar uma sociedade.

VINE E VEGA

CONTINUA ^{NO VERSO} em outra folha



ocorrência de um evento. O historiador intervém no processo de difusão da história
através da escolha específica de documentos. Como esse ou aquele documento, da mesma forma que o
sistema de fontes utilizado pelo historiador, também vão influenciar na difusão dos documentos
para a construção da história da sociedade ou alguma época.

A intervenção do historiador que escolhe o documento, extraíndo-o do conjunto
dos dados do passado, preferindo-o a outros, atribuindo-lhe um valor de
atenção que, pelo menos em parte, depende da própria posição na sociedade
da sua época e da sua organização mental, insere-se numa situação social que é
simultaneamente "material" da qual a sua intervenção. O documento não é intencio-
nalmente feito, é o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da
história da época, da sociedade que o produziu, mas também das épocas
posteriores durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais
foi descoberto, manipulado, também pelo silêncio. O documento é uma coisa
que não que dura, e o ensinamento (para evitar a etimologia)
que tem de ser em primeiro lugar analisado desmistificando o seu
significado. O documento é um acontecimento. É o resultado do esforço
realizado pelas sociedades históricas para ultrapassar o futuro - voluntária ou
involuntariamente - determinada imagem de si próprias. No âmbito não existe um
"documento original". Toda a documentação é montada. Cabe ao historiador não passar
por cima disso. É preciso começar por desmontar, demolir esta montagem,
destruturar esta construção e analisar as condições de produção dos
documentos históricos.

Para remontar a história, necessariamente devemos nos remeter aos
fatos que nos possibilitam essa construção. Para isso, recorremos aos recursos
que nos permitem fazer essa composição do passado. Um desses recursos
podemos dizer que é a pesquisa através dos registros deixado pelo homem,
registros necessários, pois, a memória do homem não consegue guardar
tudo aquilo que ele vive ou observa. O homem precisa comprovar de alguma
forma a sua existência, mas pode confiar só na memória cerebral
componente do sistema nervoso. Encontramos vestígios de sua existência
através de marcas, escritos, imagens, relíquias e outros meios de representação da
memória.

SINE

2.2.2. Dicionários

2.2.2.1. Dicionários

As definições abaixo foram extraídas do **Dicionário de Comunicação, 2001**.

- **ARTIGO:** (jg) Texto jornalístico interpretativo e opinativo, mais ou menos extenso, que descreve uma ideia ou comenta um assunto a partir de determinada fundamentação;
- **CLAKTAX:** (ed. pp) Mensagem publicitária de grandes dimensões, em formatos variáveis, impressa em papel, de um só lado e geralmente a cores, própria para ser afixada em ambientes amplos ou ao ar livre, em paredes ou em armações próprias de madeira ou de metal;
- **CD ROM:** (inf) Sigla de compact disc read only memory, disco compacto apenas com memória de leitura. Disco semelhante ao CD de áudio, utilizado em computador para disponibilizar aplicativos e recursos multimídia, assim como a gravação de textos, imagens e sons;
- **CORREIO ELETRÔNICO:** (inf, int, tc) Tradução literal da expressão inglesa e-mail, também largamente utilizada no Brasil. 1. Tecnologia que possibilita a troca de correspondência via computadores ligados em rede. O provedor ou fornecedor de acesso oferece uma caixa de correio para cada cliente com um endereço eletrônico específico, em que cada usuário possui sua caixa postal eletrônica, através da qual as mensagens são recebidas, armazenadas e enviadas. O correio eletrônico popularizou-se através da internet;
- **E-MAIL:** (inf) Abrev. De electronic mail V. correio eletrônico;
- **FITA CASSETTE:** (som) Fita magnética de áudio, disponível em chassi do tipo cáscara. Em Port., diz-se tb. Cassete-áudio;
- **FOLDER:** (ed. pp) Velaute, prospecto ou folheto constituído por uma só folha impressa, com duas, três ou mais dobras. Usa-se mais a grafia em ingl. folder ("que dobra"). No plural é preferível a forma aportuguesada, "folderes";
- **FOLHETO:** (ed) 1. Publicação não-periódica, com número limitado de páginas (máximo e máximo 48, excluídas as capas);
- **FOLHETO (swed):** 1. Publicação não periódica que consiste, materialmente, na reunião de folhas de papel ou de material semelhante impressas ou manuscritas, organizadas em cadernos soltos, ou presas por processos de encadernação e técnicas similares.

[...] para que o esquecimento se dê: o próprio tempo se encarregaria de fazê-lo. As lembranças tenderiam a se ^{degradar} e a se fundir com o tempo, a progressividade perderem a sua marca, a sua singularidade, e ali desaparecerem por completo. Seria necessário então criar instituições capazes de preservar o patrimônio cultural, protegendo as lembranças/documentos do fluxo natural da entropia. E, desse modo, a naturalização do esquecimento convergiria à naturalização do documento, fazendo dele simples dado material a ser conservado. Nesse caso, haveria a oposição de que, por meio da evocação de uma lembrança ou do resgate de um documento, se ressuscitaria de maneira viva, neutra, inocente, a originalidade de um acontecimento. (GONDAR, 2000, p. 38).

Haja visto que, o resurgir dos acontecimentos, se dá, então, através da atuação de instituições que carregam a responsabilidade de preservação da memória, para que num dado instante se necessarias, possamos recuperar com alguma originalidade os vestígios do passado. Estes vestígios serão encontrados nos documentos/monumentos que preservados facilitam a identificação de informações relevantes capazes de interromper o fluxo natural do esquecimento. Sendo assim, os documentos/monumentos podem ser vistos como ^{um primeiro momento} instrumentos que atuarão a capacidade de lembrança de uma sociedade, no segundo momento como agente de resistência que combatem ^{por meio de seu conteúdo informacional,} o fluxo natural do esquecimento. (Ibidem).

Mas durante esse processo de recordação do passado através dos documentos. Os legados de memória estão o tempo todo processando informação. Por isso, devemos dar importância ao que parece ser simples, o ato de manusear os documentos e entrar deles aquilo que para nós é relevante e que chamamos de informação. Relevância que deve ser entendida ^{no sentido da} organização e organização de acesso, devemos ter em mente que estamos trabalhando com a produção do conhecimento, através do conteúdo informacional contido nos documentos, caso estes provoquem a entropia em seu uso.

considera-se do folheto por possuir maior número de páginas; segundo as normas da Unesco, considera-se livro a publicação com mais de 48 páginas;

- **PERIÓDICOS:** (ed) Publicação editada a intervalos regulares, sobre assuntos de caráter especializado, e que geralmente conta com a participação de diferentes colaboradores. Cada edição é numerada consecutivamente e não há determinado de publicação;
- **MEMÓRIAS:** fita magnética usada para gravação, edição e reprodução de imagens, geralmente acompanhada de sons.]

Os documentos acima definidos de acordo com a fonte citada, são partes integrantes da documentação coletada para concepção e implantação do Banco de Memória. Após o significado opaco dos documentos, foi considerado interessante para melhor entendimento do trabalho, descrevermos cada um deles, para dar sentido a seleção que realizamos previamente e justificar o motivo pelo qual estão no conjunto da documentação selecionada.

2.1. Descrição dos documentos no acervo

Em nosso acervo existem alguns documentos que talvez não sejam encontrados com facilidade em outros "centros de memória", devido a sua forma, sendo pouco referenciados nos trabalhos acadêmicos, mas para o entendimento histórico do processo da Conferência Mundial contra o Racismo, realizada em Durban, eles não poderiam deixar de integrar no Banco de Memória do Centro de Estudos Afro-Brasileiro. Portanto, devemos considerar que cada documento terá o seu valor, independentemente de seu suporte físico. Para nós, num [lugar de memória] temos muitos os mais variados tipos de documentos, uma vez que eles nos servem de suporte para o trabalho de modo que possamos recuperar a nossa [história coletiva] ou possamos acessar essas informações relevantes sobre assuntos de caráter individual ou coletivo de uma dada época. Sendo assim, o Banco de Memória do CEAB, reúne folders, folhetos, e-mails, cartazes,

DL

ESTRUTURA DA MONOGRAFIA

A estrutura do trabalho começa a partir da abordagem histórica da instituição inserida no objeto de estudo, englobando a natureza de seus centros acadêmicos, suas relações de âmbito cultural com alguns países do continente africano, além de suas relações internas ^{na} qual registramos o ^{Apoio} aos movimentos sociais que buscam soluções para por fim ao racismo e as desigualdades, e também as discriminações sofridas pelo povo negro no país. Falaremos sobre as conferências contra o racismo organizadas pela ONU, como instrumento de mobilização ^{Sentido o espírito} e reflexão sobre o destino de milhares de pessoas que sofrem os efeitos dos conflitos que tem como base o racismo. Descreveremos a proposta de concepção e implantação de um Banco de Memória, sobretudo, as características e tipologia dos documentos, passando pela estratégia de avaliação e seleção para entrada dos mesmos no acervo.

linguagens, línguas, etc. Vejamos abaixo a importância que cada um deles tem, e por isso, a importância do Banco de Memória do CEAB:

- Artigo importante fragmento escrito acerca de determinado assunto, às vezes destacados de jornais ou de qualquer outro periódico (analítica de assunto ou periódico);
- Cartaz, sua importância é de caráter publicitário, são anúncios de eventos realizados em determinada época e local descrito no mesmo;
- Cd-rom, recurso de multimídia utilizado para fazer o registrar (textual, visual, sonoro) de eventos realizados em prol da Terceira Conferência Mundial contra o Racismo, em Durban.

É mail, um recurso moderno de comunicação, que ganha cada vez mais importância no processo de recebimento e transmissão de informação. Ressaltamos que no Banco de Memória do CEAB, este tipo de material é de caráter institucional, está impresso e assim pode ser manuseado pelo pesquisador. Agrega-se valor especial a este documento, sabendo-se que em muitas mensagens recebidas ou transmitidas, constavam como anexos, arquivos contendo informações relevantes acerca do processo de preparação da Conferência Mundial contra o Racismo (como proceder para conseguir se credenciar para participar da Conferência) ou contendo informações do dia a dia da Conferência de Durban (circulavam arquivos com relatórios dos resultados das discussões ocorridas diariamente). As transmissões de informações por correio eletrônico, foram de suma importância, pois, serviram de instrumento fundamental para que as instituições ou os grupos se articulassem (criou-se listas de e-mail integrando diversos grupos), facilitando com isso o intercâmbio entre as partes interessadas, um recurso utilizado não só no processo preparatório, mas também, durante o evento da Conferência. O uso de e-mail possibilitou em alguns casos que se pudesse traduzir textos para que se tomasse até

pesquisas diárias de assuntos em pauta para discussão. Dadas essas explicações, percebeu-se o grau de importância deste tipo de material e o porque deles estarem no conjunto da documentação reunida neste acervo;

Uma Cámera, recurso usado para gravar algumas entrevistas realizadas com ativistas ou lideranças de determinado segmento envolvidos nas questões que tocam o assunto da conferência mundial;

- **Fita de vídeo**, recurso utilizado para gravar imagens dos eventos, documentando assim, todo acontecimento. Se consultado, possibilitará análise das imagens recuperadas, como também de todo conteúdo sonoro. isto é, recurso multimídia que permite a leitura do texto através da imagem e do som;
- **Folders**, material também de caráter publicitário, usado na promoção de eventos, uma vez consultado, pode ser recuperado as informações, por exemplo: quais as questões que foram tratadas na programação de tal evento; quem foi o expositor que falou acerca de tal assunto;
- **colêto**, tratado aqui como os documentos textuais, diversos, que tenham no máximo 48 folhas. Em muitos casos são relatórios de pesquisas ou documentos frutos de alguma investigação. Por exemplo:

Este tipo de material gráfico, usado como representação da realidade. É produzido a partir de fatos ocorridos no passado, como denúncia dos acontecimentos. É produzido por meio de registros documentais.

testemunhos apresentados pelos expositores em eventos. Este tipo de material não aparecerá com grande frequência neste acervo;

- **Revistas**, é o tipo de material mais consultado neste acervo, pois, é composto geralmente por artigos escritos recentemente, ou seja, são resultados de trabalhos acadêmicos, que

em muitas vezes trazem em seus conteúdos novas opiniões acerca do assunto pesquisado, através desta maneira, o material da linha de ponta para se pesquisar.

3.2.2. Estratégias de avaliação e seleção de entrada de documentos

Com a pretensão com esta documentação, armazenar a “memória coletiva” (SILVA, 1991, p. 87), das elites sociais que reivindicam o reconhecimento de sua identidade, inserindo-os no contexto de “democracia de massas, [...] reforçando a participação política organizada do conjunto de cidadania” (COLTINHO, 1991, p. 101). Todo material produzido por agentes sociais com respaldo na credibilidade da informação nele contido, que nos for remetido para fazer parte do acervo, depois de avaliado pela equipe CEAB, que fará a comparação de conteúdo textual e avaliação da fonte que gerou o documento, que indicará a inclusão ou não do mesmo na base de dados do Banco de Memória do CEAB. A contribuição da Biblioteconomia, neste projeto, será de possibilitar a recuperação das informações para que elas possam ser trabalhadas pelos pesquisadores, ou seja, possibilitar uma melhor interação entre o passado e o presente da sociedade.

{A explosão da informação é tal que a simples seleção de informações brutas não corresponde mais as necessidades, sendo necessário digerir várias informações, sintetizá-las num quadro, comparar as informações contraditórias, avaliar sua confiabilidade, fornecendo desta forma o que poderia ser chamado de uma informação com valor agregado. (SALTI, 1986, p. 78).}

No CEAB é mantida uma preocupação com a seleção dos documentos, pois, levando-se em conta seus básicos no momento de criticar se o documento fará ou não parte do acervo. Como critério utilizam-se dois elementos importantes no documento: primeiro o seu conteúdo textual, ou seja, se a informação é potencial para o acervo, o segundo elemento diz respeito à confiabilidade nesu

em qualquer caso, se o documento possui uma fonte, e se a mesma possa ser identificada, para dar mais credibilidade às informações por ele transmitidas. A análise do material que chega na Instituição, encaminhada para composição do acervo do Banco de Memória, é feita por profissionais que carregam em sua trajetória, longos anos de convivência de vida acadêmica, somando a estes, realizações de cunho social, através de trabalhos desenvolvidos em prol de comunidades que conhecem os efeitos negativos produzidos pelas desigualdades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

BIBLIOGRAFIA

- ALONSO, Vera Lúcia Pinto Ribeiro. Centro de documentação das condições de vida da população: descrição e análise. 1996. 22 f. Trabalho apresentado à coordenação da pesquisa Cultura, Informação e Sociedade: estudo das práticas de informação em campos sociais específicos com vista à revisão e ampliação dos modelos de comunicação e transferência da informação. Rio de Janeiro, 1996.
- BERNARDI, Roberto C.; BRILLEN, Sari Knopp. Investigação qualitativa em educação. Porto Alegre: Artmed Editora, 1994. p. 89-97.
- BORGES, Edison; MEDEIROS, Carlos Alberto; D'ADESKY, Jacques. Racismo, preconceito e intolerância. São Paulo: Atual, 2002. (Espaço & Debate).
- BRETONI, PAUL L.; HERMAN, Jacques; SCHOUTHEETE, Marc de. Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: os polos da prática metodológica. Rio de Janeiro: W. Alves, 1977. p. 223-227.
- CARVALHO, Ítalo. A memória do mundo. In: _____. Um general na biblioteca. São Paulo: Cia. das Letras, 2001. p. 127-133.
- CAMARGO, Célia Reis. Os centros de documentação das Universidades: tendências e perspectivas. In: SILVA, Zélia Lopes da (Org.). Arquivos, patrimônios e memória: trajetória e perspectivas. São Paulo: Ed. UNESP, 1999. p. 49-63.
- CAMPELO, I. O. Bernadete Santos. Organizações como fonte de informação. In: CAMPELLO, I. O. Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Margarete (Org.). Fontes de informação para pesquisadores e profissionais. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000. p. 33-40.
- COELHO, Maria Lereza. Centro de documentação: implantação com microcomputador. São Paulo: UFRJ, UFRPA, 1987. p. 39-65.
- COELHO, Carlos Moisés. Democracia e socialismo no Brasil de hoje. In: CARVALHO, Fernando Lopes; CANTARÁ, André Luis. A democracia como proposta. Rio de Janeiro: UFRJ, 1991. p. 93-112.
- COELHO, Maria Lúcia Doyle. Construindo o conceito de documento. In: LEMOS, Maria Lereza; SILVA, Zélia Lopes da; ALVES, Vilmar Alves de (Org.). Memória, Identidade e Representação. Rio de Janeiro: Letras, 2000. p. 59-66.
- FRANCO, Rosalva; SIMONE, SILVA. Arquivos permanentes de Movimentos Sociais: novos desafios. In: SILVA, Zélia Lopes da (org.). Arquivos, Patrimônio e Memória: trajetória e perspectivas. São Paulo. Ed. UNESP, 1999. p. 131-138.

- FRANZONI, Renato Paulo de Abreu. Memória histórica e cultura material. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 13, n. 25/26, p. 17-31, set. 92/ago. 93.
- FRANZONI, Renato Paulo de Abreu. As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 13, n. 25/26, p. 33-54, set. 92/ago. 93.
- FRANZONI, Renato Paulo de Abreu. Lembrar e esquecer: desejo de memória. In: COSTA, Ielgia Thiesen Magalhães; ROSA, Zita de Paula (org.). *Memória e espaço*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000. p. 35-43.
- FRANZONI, Renato Paulo de Abreu; ROSA, Zita de Paula. História oral: uma utopia?. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 13, n. 25/26, p. 7-16, set. 92/ago. 93.
- FREITAS, Maria. Por que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções. In: COSTA, Ielgia Thiesen Magalhães; ROSA, Zita de Paula (org.). *O poder das bibliotecas: a memória dos livros no cotidiano*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000. p. 21-44.
- FRUJER, Jacques. Documento/Monumento. In: _____. *História e Memória*. v. 2. Lisboa: Edições 70, 1988. p. 103-117. (Coleção Lugar da História).
- FRUJER, Jacques. A crise da memória, história e documento: reflexões para um tempo de transições. In: SILVA, Zélia Lopes da (org.). *Arquivos, Patrimônio e Memória: reflexões e perspectivas*. São Paulo: Ed. UNESP, 1999. p. 11-29.
- FRUJER, Jacques. O ressurgimento do Movimento Negro no Rio de Janeiro na década de 1970. 122 f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.
- FRUJER, Jacques. História oral, caminhos e descaminhos. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 13, n. 25/26, p. 55-65, set. 92/ago. 93.
- FRUJER, Jacques. Três impulsos para um salto: trajetória e perspectivas do Movimento Negro Brasileiro. 1998. 60 f. Monografia - Curso de Pós-Graduação em História da UFPA, Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 1998.
- FRUJER, Jacques. Os estudos africanos no Brasil e as relações com a África - um balanço. In: SILVA, Zélia Lopes da (org.). *1973 - 1996*. 1991. 153 f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.
- FRUJER, Jacques. *Arquivos*. Alberto BARBOSA - Gustavo Guimarães. *Dicionário de Comunicação*. 2. Edição. São Paulo: Rio de Janeiro: Caju, 2001.
- FRUJER, Jacques. O que é racismo. São Paulo: Abril Cultural, 1984. 82 p. (Coleção *Crônicas passadas*, 6).

... História do negro no Brasil. São Luis: Centro de Cultura Negra do Maranhão, 1985. 100 p.

SILVA, Zélia Lopes da. O centro de documentação e apoio à pesquisa, um centro de "Memória local". In: SILVA, Zélia Lopes da (org.). Arquivos, Patrimônio e Memória: trajetória e perspectivas. São Paulo: Ed. UNESP, 1999. p. 85-95.

SILVA, Johanna. O que é documentação. São Paulo: Brasiliense, 1986. 83 p. (Coleção Primeiros Passos, 174).

SOUZA, Ivani Pires da. Centro de Documentação e informação de uma empresa: descrição e análise. 1998. 56 f. Monografia apresentada à Escola de Biblioteconomia, da Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 1998.

TACHIZAWA, Takeshi; MENDES, Gildásio. Como fazer monografia na prática. 6. ed. rev. Rio de Janeiro: FGV, 2001. 138 p.

UNIVERSIDADE Candido Mendes. Centro de Estudos Afro-Asiáticos: 25 anos. Rio de Janeiro, 1998.

